

Parasita

‘Pobre’, ‘humilde’, ‘abatido’, etc., não diz de pobreza financeira ou abatimento (humilhação) social! Qualquer que obedece a Deus, quer seja pobre quer seja rico financeiramente, se faz servo, portanto diante de Deus é pobre, humilde, abatido. Só é possível compreender o verso: [“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”](#) (Mt 5:3) quando o leitor considera que os que ‘tremem’ da palavra de Deus são os que ‘obedecem’ a Deus.

Parasita

[“Assim diz o SENHOR acerca dos profetas que fazem errar o meu povo, que mordem com os seus dentes, e clamam paz; mas contra aquele que nada lhes dá na boca preparam guerra”](#) (Ml 3:5)

“O termo parasita descende do latim parasitus que, por sua vez, deriva do grego παράσιτος (parásitos), ou seja, “aquele que come na mesa de outrem”. O termo grego é composto de παρά (para), “junto a, ao lado” e σίτος (sitos), “alimento”. O termo acabou por significar o comensal que adulava alguém de alta posição social para que pudesse comer gratuitamente em sua casa” Wikipédia

A crônica ‘O parasita’, do escritor Machado de Assis publicada no Jornal O Espelho em 18 de Setembro de 1859, bem como a continuação da crônica publicada em 09 de Outubro de 1859 é uma notável crítica social que descreve acertadamente certa classe de indivíduos que ‘infestam’ a sociedade e se instalam principalmente em setores como imprensa, religião e governo.

O cronista trás à baila a existência de ‘ervas parasitas’ que não tiram os seus nutrientes da terra, antes retiram o que lhe é necessário das árvores, e estabelece um paralelo com certos indivíduos que se ‘alimentam’ de estruturas que há na sociedade como a política, a igreja e a literatura (leia-se governo, religião e imprensa).

Deixando de lado o trabalho impecável quanto à crítica social de “O Parasita”, a nossa abordagem tem por alvo somente a citação que o escritor Machado de Assis fez de uma passagem do Novo Testamento. Vejamos:

“(…)

Que gente!

Os tragos fisiológicos do parasita são especiais e característicos. Não podendo imitar os grandes homens pelo talento, copiam na postura e nas maneiras o que acham pelas gravuras e fotografias. Assumem um certo ar pedantesco, tomam um timbre dogmático nas palavras; e, ao contrário do fanqueiro, que tem a espinha dorsal mole e flexível, — ele não se curva nem se torce; a vaidade é o seu espartilho.

Mas, por compensação, há a modéstia nas palavras ou certo abatimento, que faz lembrar esse ninguém elogiado da comedia. Mas ainda assim vem a afetação; o parasita é o primeiro que está cômico de que é alguma coisa, apesar da sinceridade com que procura pôr-se abaixo de zero.

Pobre gente!

Podiam ser homens de bem, fazer alguma coisa para a sociedade, honrar a musa nacional, contendo-se na sua esfera própria; mas nada, saem uma noite da sua nulidade e vão por aí matando a ferro frio...

É que têm o evangelho diante dos olhos...

Bem-aventurados os pobres de espírito.

O parasita ramifica-se e enrosca-se ainda por todas as vértebras da sociedade. Entra na Igreja, na política e na diplomacia; há laivos dele por toda a parte

(…) ” *Obra Completa*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Publicado originalmente em *O Espelho*, Rio de Janeiro, 11 e 18/09 e 9, 16 e 30/10/1859. <

<https://www.passeidireto.com/arquivo/36447602/aquarelas—machado-de-assis> > Acesso realizado em 21/07/18.

Ora, que os ‘parasitas sociais’ são ‘pobre gente’, não devemos negar. Talvez esta

seja a pior espécie de ‘pobreza’, que de longe não se compara à ‘pobreza’ caracterizada pela falta de recursos financeiros.

Os ‘parasitas sociais’ são indivíduos que, apesar de viverem regaladamente, somente agravam as diferenças socioeconômicas acentuando a percepção da miserabilidade dos que vivem à margem da sociedade.

Em um trabalho anterior, Machado de Assis fez alusão aos ‘mascates literários’ sob o título ‘Os fanqueiros literários’, espécie de indivíduos mais flexíveis que ‘os parasitas’, produzem textos (literatura) que visam somente o lucro, e serve para entorpecer o leitor desavisado. Machado de Assis crítica a este tipo de literatura que imita os ‘espíritos sérios’ dando o nome de ‘ópio encadernado’.

A crítica aos ‘fanqueiros literários’ decorre do que o escritor entendeu ser verdade, mas, a alegação que os ‘parasitas sociais’ são ‘pobre gente’ porque “... *têm o evangelho diante dos olhos*” é sarcasmo.

Vale esclarecer que o evangelho não promove ‘parasitas’, antes que alguém chegue a esta conclusão guiado pelo sarcasmo machadiano.

O Novo Testamento recomenda aos cristãos que sejam produtivos na sociedade em que estão inseridos. Para ser um cristão (discípulo de Cristo), não basta ter o evangelho diante dos olhos, antes o evangelho é conhecimento intrínseco ao discípulo.

A ociosidade ou o parasitismo não é a temática e nem é promovido pelo evangelho de Cristo conforme se verifica através da seguinte determinação paulina:

“Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto, que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também. Porquanto ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando, antes fazendo coisas vãs. A esses tais, porém, mandamos, e exortamos por nosso Senhor Jesus Cristo, que, trabalhando com sossego, comam o seu próprio pão” (2Ts 3:10- 12)

O apóstolo Paulo observou que em meio aos cristãos havia alguns que não possuíam uma ocupação. Daí a ordem: - trabalhem com sossego para poder comer o seu próprio pão - ou seja, o evangelho não é conivente com quem se arvora no direito de buscar alimento na mesa alheia (Pv 28:19).

A recomendação do apóstolo é objetiva pelo exemplo que ele apresenta:

“Nem de graça comemos o pão de homem algum, mas com trabalho e fadiga, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós” (2Ts 3:8)

O apóstolo Paulo é contundente com relação àqueles que se propõe a seguir a doutrina de Cristo:

“Aquele que furtava, não furete mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade” (Ef 4:28)

Para Machado de Assis o ‘parasita’ é alguém sem talento, mas que imita posturas e maneiras. Para compensar a falta de talento, o parasita é modesto na fala, ou seja, possui tom humilde (abatimento). Sinceramente procura negar que é importante, mas é o primeiro a concluir que de fato é superior, daí a falsidade (afetação).

Ao dizer que as maneiras e a postura do ‘parasita’ se dá por terem o evangelho diante dos olhos, Machado de Assis sarcasticamente denuncia a hipocrisia deles. Daí a pergunta: Os parasitas, por terem o evangelho diante dos olhos, procuram imitar ‘maneiras’ e ‘posturas’ dos bem-aventurados anunciados por Cristo?

Se o leitor da obra de Machado de Assis não observar as nuances do texto, poderá entender que os ‘parasitas’ que sobrevivem à custa da sociedade são assim por procurarem seguir o evangelho, entretanto a abordagem sarcástica de Machado de Assis é desfavorável à hipocrisia dos parasitas que pensam ser alguma coisa.

A citação bíblica: *‘Bem-aventurados os pobres de espírito...’* foi introduzido na crônica somente para servir ao sarcasmo do escritor. A intertextualidade^[1] da citação decorre da intencionalidade do escritor que, sem se importar com a significação da frase no contexto do evangelho de Cristo, deu uma nova significação à citação sem se preocupar com o fato de ter subvertido o seu significado.

Portanto, considerando que a afirmação de que os parasitas assim são por procurarem se ajustar à condição de bem-aventurado estabelecida por Cristo, não partiu de um teólogo e tem por finalidade servir ao sarcasmo do autor, a nossa abordagem será apenas de esclarecimento.

“O parasita ramifica-se e enrosca-se ainda por todas as vértebras da sociedade” Idem.

A partir desta frase faremos uma crítica pontual à crônica machadiana pela citação de um verso bíblico.

Segundo Machado de Assis há indivíduos que, como uma planta ‘parasita’ se ramifica e se enrosca por todas as vértebras da sociedade. Se há ‘laivos’ (vestígios) de parasitismo em todas as ‘vértebras da sociedade’, é certo que as estruturas religiosas não se elidem deste mal, quer sejam as religiões ditas cristãs ou as pagãs, mas é possível afirmar que o parasitismo social não surgiu dos ensinamentos de Cristo porque ser religioso não é o mesmo que ser um seguidor de Cristo.

Os ‘parasitas’ se alimentam de toda estrutura que dá sustentação à sociedade, quer sejam religiosas, científicas, filosóficas, políticas, etc., no entanto, o Senhor Jesus não instituiu nenhuma estrutura religiosa como guardião dos seus ensinamentos, e sim homens fiéis. Jesus não flertou com nenhum sistema filosófico, não se filiou a partidos político e nem buscou apoio de qualquer sistema de governo.

Jesus fez parte da cadeia produtiva da sociedade na qual estava inserido, pois exerceu a profissão de carpinteiro até os seus 30 anos de idade, sem falar que a sua nação como escrava era fazia parte da base produtiva de Roma. Todos os discípulos que Jesus escolheu para o seu ministério faziam parte da cadeia produtiva: alguns eram pescadores, outro médico, outro cobrador de impostos, etc.

A seguinte colocação de Machado de Assis: *‘E como não ser assim, se ele não tem outro cuidado nesta vida? e se os limites da mesa redonda são os horizontes das suas aspirações?’* Idem, é um convite à reflexão acerca da pessoa de Jesus e o seu comportamento ministerial.

Durante seu ministério Jesus aceitou vários convites para participar de refeições, porém, a sua postura na mesa não era a de um comensal. Jesus não elogiava e nem adulava os seus anfitriões. Pelo contrário, publicamente Jesus repreendia os religiosos e líderes de Israel pela compreensão equivocada que possuíam em relação ao reino dos céus (Lc 7:36 -50).

Jesus não estava interessado em comida como os seus concidadãos (Jo 6:27), seu

interesse era anunciar as palavras de Deus (Mt 4:4). Jesus também não veio estabelecer regras com relação ao que o homem coloca ou não em sua mesa, pois o reino dos céus não é comida nem bebida [“Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo”](#) (Rm 14:17).

Jesus disse que tinha uma ‘comida a comer’, e em seguida deixou claro que essa comida era realizar a vontade do Pai. Jesus não esteve focado nas questões deste mundo, antes veio para cumprir tudo o que acerca d’Ele foi predito pelos profetas [“Ele, porém, lhes disse: Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis”](#) (Jo 4:32); [“Em seguida, Jesus lhes explicou: São estas as palavras que Eu vos ensinei quando ainda estava entre vós: Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos!”](#) Lc 24:44).

Quando tentado a transformar pedras em pães, Jesus enfatizou o contido nas Escrituras, de que o homem tem vida através da palavra de Deus, demonstrando que está estabelecido nas Escrituras que o homem adquire alimento através do trabalho (Mt 4:4 ; Gn 3:17).

A questão do alimento cotidiano era tão premente na cabeça de seus ouvintes, que Jesus teve que orientá-los a não ficarem preocupados com o que comer ou vestir (Mt 6:25). A preocupação com a escassez de pão tolhia os sentidos, pois esperavam que Deus lhes enviasse um líder, ou um profeta que resolvesse o problema de pão (Jo 6:14).

Assim como os profetas da antiguidade, Jesus utilizou o pão como figura para falar por enigmas ao povo e, até mesmo os seus discípulos concluíam que Jesus estava tratando do pão cotidiano [“Entretanto, eles discutiam entre si, dizendo: “É porque não trouxemos pães”](#) (Mt 16:7); [“Houve, então, grande discussão entre os judeus e esbravejavam uns com os outros: “Como pode este homem dar-nos a comer a sua própria carne?”](#) (Jo 6:52).

Conhecendo pelas Escrituras a natureza do homem (Jo 2:25), de que todos são ‘mentirosos’ (Sl 116:11 ; Rm 3:4), Jesus enfatizou que tudo o que sai da boca procede do coração, e o que há no coração é o que contamina o homem (Mt 12:34 ; Mt 15:11), perspectiva que norteou o seu ministério, pois só a palavra de Deus concede nova natureza ao homem. Ora, o interesse de Cristo não estava no alimento cotidiano, e sim livrar os homens da condenação decorrente da ofensa

de Adão.

Jesus não se utilizou das estruturas sociais estabelecidas para angariar prestígio político e religioso, antes reprovou publicamente os escribas e fariseus por seguirem preceitos religiosos que satisfazia somente o desejo de serem vistos pelos seus semelhantes: desejam os primeiros lugares nas refeições, as primeiras cadeiras nas sinagogas, etc. (Mt 23:5 -6). Geralmente os judeus convidavam os seus amigos para cear com intuito de serem honrados posteriormente, mas Jesus orientou que convidassem aqueles que não tinham condição financeira de retribuir a honraria (Lc 14:12 -14).

Jesus deixa claro que os seus seguidores, enquanto neste mundo, seriam perseguidos por causa da Sua doutrina, e sendo rei, Jesus deixou claro que o Seu reino não era deste mundo **“Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui”** (Jo 18:36). Cristo não buscou promover a si mesmo, antes buscou realizar a vontade de Deus **“Eu não busco a minha glória; há quem a busque, e julgue”** (Jo 8:50).

Quem tem o evangelho no coração não tem o apoio dos poderes deste mundo. Os cristãos apoiam-se única e exclusivamente no poder de Deus (evangelho), e não a *‘facilmente manipulável decência moral nos lábios’* Idem **“Lembrai-vos da palavra que vos disse: Não é o servo maior do que o seu SENHOR. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa”** (Jo 15:20).

Os astuciosos religiosos à época, a contragosto admitiram que Cristo não aceitava ninguém segundo a aparência **“E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, nós sabemos que falas e ensinas bem e retamente, e que não consideras a aparência da pessoa, mas ensinas com verdade o caminho de Deus”** (Lc 20:21).

O evangelho genuíno não possui qualquer elemento que os parasitas possam lançar mão, mas como a fisiologia dos parasitas é a imitação, no máximo o que copiam é a postura e as maneiras dos religiosos. As religiões decorrem de concepções humanas acerca do divino, já o evangelho de Cristo é revelação de um mistério oculto que não possui conexão com a religiosidade humana.

A religião estabelece posturas, maneiras conforme a moral vigente. É ela que concede o timbre dogmático às posturas e modos, o que inexoravelmente será

campo fértil aos parasitas.

Machado de Assis apresenta as instituições como árvore onde os parasitas ramificam-se e enroscam-se, enquanto a Bíblia apresenta as pessoas como árvores e, para ter direito ao reino de Deus, é necessário que tal árvore pertença à lavoura de Deus (Is 63:1). João Batista anunciou o veredito de Deus: “E também agora está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo” (Mt 3:10); “Ele, porém, respondendo, disse: Toda a planta, que meu Pai celestial não plantou, será arrancada” (Mt 15:13).

Enquanto os ‘parasitas’ são ‘pobre gente’ pelo mal que causam à sociedade, os ‘pobres de espírito’ são descritos como herdeiros de um reino que não tem relação com as estruturas sociais deste mundo. Machado de Assis associa negativamente a ‘pobre gente’ aos ‘pobres de espírito’, enquanto Jesus ensina positivamente que os pobres de espíritos são eleitos de Deus!

A figura do ‘pobre bem-aventurado’ não tem vínculo com questões de ordem econômica, moral ou religiosa, antes se refere ao que foi anunciado pelo profeta Isaías:

“Porque a minha mão fez todas estas coisas, e assim todas elas foram feitas, diz o SENHOR; mas para esse olharei, para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra” (Is 66:2).

Jesus utilizou os profetas para ensinar à multidão que só é possível alcançar a bem-aventurança obedecendo à palavra de Deus “Ouvi, meus amados irmãos: Porventura não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?” (Tg 2:5).

Aquele que guarda os mandamentos de Cristo é o que o ama, e a Palavra de Deus garante que quem obedece a Cristo é herdeiro do seu reino, portanto, assume a condição descrita pelos profetas como ‘pobre’: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele” (Jo 14:21).

A lição de Tiago não tem relação com o evangelho humanista (teologia da libertação[2]) apregoado hoje, antes repete a fórmula do ensino de Cristo: “Bem-aventurado os pobres de espírito...”. A herança do reino é promessa aos que

obedecem a Deus (amam), e que ouve a palavra de Deus, ou seja, são os que reconhecem que não dispõem de recursos para adquirir a vida eterna **“Nenhum deles de modo algum pode remir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele. Pois a redenção da sua alma é caríssima, e seus recursos acabariam antes”** (Sl 49:7 -8).

Ao analisar a citação do profeta Isaías, devemos fazer e responder algumas perguntas: Para quem Deus ‘olhará’? Ou, seja, a quem Deus é favorável? Ao pobre! Ao abatido de espírito! A quem não tem dinheiro! E quem são os pobres e abatidos de espírito? Os que obedecem à palavra de Deus.

Quem obedece à palavra de Deus se fez servo da justiça, ou seja, abateu-se a si mesmo! ‘Abater-se’ é o mesmo que ‘humilhar-se’, ou seja, sujeitar-se ao senhorio de Deus, obedecendo-O (Tg 4:7). Quem se humilha a si mesmo abriu mão de tudo o que possui (Mt 19:21), portanto, é pobre, abatido (Sl 51:17).

‘Pobre’, ‘humilde’, ‘abatido’, etc., não diz de pobreza financeira ou abatimento (humilhação) social! Qualquer que obedece a Deus, quer seja pobre quer seja rico financeiramente, se faz servo, portanto diante de Deus é pobre, humilde, abatido. Só é possível compreender o verso: **“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”** (Mt 5:3) quando o leitor considera que os que ‘tremem’ da palavra de Deus são os que ‘obedecem’ a Deus.

A palavra ‘temor’ é figura de instrução, mandamento, e a palavra ‘tremor’ é figura de obediência, sujeição. O significado de ‘temor’ e ‘tremor’ se abstrai do paralelismo existente nas poesias hebraicas, que associa ‘temor’ a doutrina e ‘tremor’ a obediência (Sl 34:11 ; Pv 1:9 ; Is 66:5).

O profeta Isaías faz referencia ao pobre através de um convite gracioso: **“Ó VÓS, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde, comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite”** (Is 55:1). Ter sede remete a figura do necessitado, e o que não tem recursos (dinheiro) ao pobre.

Deus convida os necessitados a beberem água, e aos pobres que adquiram e comam sem dinheiro e sem preço vinho e leite. Para os necessitados alcançarem água e os pobres vinho e leite, bastava inclinar os ouvidos que comeriam o que é bom, de modo que seriam felizes (deleite com o que é bom).

Enquanto é feito um convite aos necessitados e pobres, Isaías censura aqueles

que têm posses (ricos), pois adquirem o que não podem satisfazer suas necessidades (Is 55:2). Isaías estabelece um contraste entre os que não têm posses e aqueles que têm diante de Deus, de modo que aquele que inclina os ouvidos a voz de Deus são os 'pobres', e aqueles que rejeitam a voz de Deus os 'ricos'.

A figura do 'pobre' e do 'rico' são enigmas utilizados para demonstrar como o homem alcança o dom de Deus. A palavra de Deus é água que dá refrigério (salvação) ao necessitado. A palavra de Deus é pão que dá vida (salvação) e alegria (vinho e leite). Esta é a bem-aventurança!

Que água Deus estava oferecendo a Israel através de Isaías: Cristo! Cristo é a firme beneficência prometida a Davi (2Sm7:13 -14), a fonte de água viva (Jo 4:14).

O jovem rico foi concitado por Jesus a vender tudo o que possuía e, o que fosse arrecadado deveria ser dado aos pobres financeiramente (Mc 10:21). Esta ordem de Cristo contém uma grande lição: é necessário obedecer a Cristo para alcançar o favor divino!

Embora o jovem rico possuísse muitos bens materiais, esses bens não o impediam de entrar no reino dos céus. A riqueza dele consistia em guardar alguns mandamentos desde a sua mocidade, mas não considerou que qualquer que tropeça em um quesito da lei é culpado de toda a lei (Tg 2:10).

O mandamento foi dado: 'Vende tudo e dá aos pobres'! Se o jovem obedecesse à ordem de Cristo, tornaria servo de Cristo, ou seja, seria abatido de espírito, pois humilhou-se a si mesmo (1Jo 5:1). Assim como Cristo o amou e deu um mandamento, o jovem deveria obedecer ao mandamento que Cristo deu, pois só ama quem obedece. Ora, o mandamento de Deus é específico: que creiam no Filho de Deus! (1Jo 3:23)

O jovem rico retirou-se triste. O problema do jovem rico não era as riquezas materiais, e sim não obedecer a Cristo. De modo semelhante, muitos judeus não obedeceram a Cristo, tanto os que possuíam muitos bens como os desprovidos deles, porque não abriam mão de dizer que tinham por pai Abraão, pois julgavam que já estavam ao abrigo da bem-aventurança prometida por Deus.

Os pobres descritos por Jesus como bem-aventurados são aqueles que

reconhecem que não possuem recursos para se salvar e, através desta abordagem, fica implícito que qualquer (judeu ou gentio) que obedece ao mandamento de Deus é herdeiro da promessa, pois Deus não faz acepção de pessoas.

As bem-aventuranças anunciadas por Cristo depunha contra os seus ouvintes, uma multidão de judeus. É significativo o fato de a plateia de Cristo ser formada de homens judeus, pois após anunciar as bem-aventuranças, volta-se para os seus ouvintes e faz uma exigência: **“Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus”** (Mt 5:20).

Os pobres são apresentados como herdeiros do reino dos céus, mas os ouvintes de Cristo são instados a realizarem obras que exceda a dos seus líderes e mestres religiosos para que possa alcançar a bem-aventurança! Através do anúncio das bem-aventuranças Jesus enfatizou que os judeus estavam em igual condição aos gentios se não obtivessem obras superiores aos escribas e fariseus (Jo 3:3 ; Mt 5:20).

A obra que excede as dos escribas e fariseus é obediência ao mandado de Deus: crer no enviado de Deus. A obra de Deus é perfeita: Cristo! Cristo veio ao mundo revelar aos homens a vontade de Deus e realizar a sua obra! (Jo 6:29) Não basta como os judeus dizer que crê em Deus, antes é necessário realizar o que Ele determina: crer no testemunho que Ele deu acerca do seu Filho Jesus Cristo **“Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade”** (1Jo 3:18; 1Jo 5:9 -11).

Os judeus diante da mensagem de Cristo não reconheciam que precisavam de salvação, pois entendiam que ser descendente da carne de Abraão era requisito suficiente e imprescindível para ser salvo **“Responderam, e disseram-lhe: Nosso pai é Abraão”** (Jo 8:32); **“Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento, e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai; porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão”** (Lc 3:8).

Em lugar de confiarem em Deus, faziam da carne de Abraão o seu ‘braço’ (salvação). Ora, aquele que confia na carne (faz da carne o seu braço) é maldito, pois confia em si mesmo (homem que confia no homem) **“Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu**

coração do SENHOR!” (Jr 17:5 ; Fl 3:3).

Os judeus, por serem descendentes de Abraão, se consideravam bem-aventurados, ricos para com Deus. Não compreenderam que a bem-aventurança prometida por Deus só é concedida aos gerados por Deus participante da carne e do sangue do Descendente prometido a Abraão, que é Cristo.

Por não compreenderem as profecias, os judeus como povo prevaricam nas suas atribuições (Is 43:27). As escrituras eram como um livro selado para eles, daí o porquê eram tidos por cegos, loucos, bêbados, etc. Em lugar de atenderem a voz de Deus que é vinho e leite, beberam dos cachos de uvas de Sodoma e Gomorra “Mas também estes erram por causa do vinho, e com a bebida forte se desencaminham; até o sacerdote e o profeta erram por causa da bebida forte; são absorvidos pelo vinho; desencaminham-se por causa da bebida forte; andam errados na visão e tropeçam no juízo” (Is 28:7); “Apalpamos as paredes como cegos, e como os que não têm olhos andamos apalpando; tropeçamos ao meio-dia como nas trevas, e nos lugares escuros como mortos” (Is 59:10 ; Dt 32:28 -32).

Citar o evangelho somente para destilar sarcasmo demonstra que o escritor é só mais um na grande massa de homens que não compreendem o evangelho de Cristo “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1Co 2:14).

A crítica aos parasitas que infestam as inúmeras estruturas religiosas, quer sejam elas pagãs ou dita cristãs, é válida. Uma análise da sociedade nos revela que os parasitas não poupam as religiões pagãs e nem os sistemas de governos laicos, pois todas as organizações humanas ‘sofrem’ com as ações dos parasitas. Tomando a Igreja Católica Apostólica Romana como exemplo, verifica-se que ela não foi instituída por Cristo como seu corpo e nem o estado do Vaticano como pertencente ao seu reino.

No quesito ‘igreja’, Cristo erigiu o seu próprio corpo: templo santo para habitação de Deus em espírito (Ef 2:21). Após a morte de Cristo, o seu corpo está repartido por todos os cristãos. O corpo de Cristo, a sua igreja, não se trata de uma organização religiosa ou de um estado teocrático onde parasitas possam se instalar. A igreja de Cristo é formada por homens que igualmente confessam que Jesus é o Filho de Deus.

Mas, como Cristo sabia que surgiriam homens que imitariam os seus seguidores, copiando posturas e acrescentando tom dogmático as palavras, ele notificou os seus seguidores a terem cuidado com os falsos profetas, pois só é possível conhecê-los pelo fruto, e não pela aparência (Mt 7:15).

Enquanto os seguidores de Cristo pensam nas coisas de cima, onde Cristo está assentado, os falsos mestres só atentam para as coisas terrenas. Os falsos mestres se infiltram nas comunidades a fim de banquetear-se com os cristãos, mas apascentam a si mesmos “*Cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas*” (Fl 3:19); “*Estes são manchas em vossas festas de amor, banqueteadando-se convosco, e apascentando-se a si mesmos sem temor; são nuvens sem água, levadas pelos ventos de uma para outra parte; são como árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas, desarraigadas*” (Jd 1:12).

‘O parasita’ de Machado de Assis é crítica severa a certas figuras do seu tempo que sobrevivia à custa das instituições. Através do sarcasmo, Machado de Assis tentou driblar a sina de se tornar um ‘fanqueiro literário’, mas sucumbiu ao fado: muitos dos seus trabalhos são ramas que se enroscaram na Bíblia pelo prestígio que ela contém. Ex: Dom Casmurro, Adão e Eva, A Igreja do Diabo, O espelho, Esaú e Jacó, etc.

Reitero que as abordagens de Machado de Assis não são de todo mal do ponto de vista sociocultural, pois a sua produção literária é de grande valor cultural. O mal se instala quando um leitor dos textos de Machado de Assis desconhece a essência dos textos bíblicos que foram utilizados, pois poderá chegar a conclusão que Machado de Assis detinha conhecimento suficiente para interpretar as Escrituras.

[1] Intertextualidade - é uma referência explícita ou implícita de um texto em outro “*Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade*” KRISTEVA, J. Introdução à semanálise. São Paulo: Perspectiva, 1974a, p.64,

[2] *Teologia da Libertação é um movimento supra-denominacional, apartidário e inclusivista de teologia política, que engloba várias correntes de pensamento que interpretam os ensinamentos de Jesus Cristo em termos de uma libertação de injustas condições econômicas, políticas ou sociais. Ela foi descrita, pelos seus proponentes como reinterpretação analítica e antropológica da fé cristã, em vista dos problemas sociais, mas outros a descrevem como marxismo, relativismo e materialismo cristianizado* -

Wikipédia <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_da_Libertação> consulta realizada em 19/01/15